

FENIKSO NIGRA

APERÍODICO DE PROPAGANDA DOS VÁRIOS ANARQUISMOS
DE CAMPINAS E REGIÃO
-NUMERO 04/2005-

Editorial

Chegamos na quarta edição do Fenikso Nigra, fora uma especial de maio em memória à luta histórica do dia 1º. Foram 5 meses desde a sua formação até agora. Estamos com uma correspondência regular com 60 indivíduos/grupos anarquistas ou que simpatizam com a causa. Pará, Ceará, PERNANBUCO, Bahia, Alagoas, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Parana, Santa Catarina, Rio Grande do Sul são os estados que recebem o Fenikso.

Em São Paulo, por nossa proximidade, temos uma atenção especial, já que nossa intenção não é só difundir os anarquismos, mas de nos unir de fato em um movimento anarquista respeitado, de tradições combativas, alternativas e transformadoras para outro modelo social onde o respeito, justiça e liberdade sejam de fato ações e não palavras vazias e ilusórias.

Este jornal chega também a nossos amigos e companheiros de outras países como Portugal, Uruguai e a França, sede da SAT (Sennacieca Asocio Tutmonda) antiga e atuante associação esperantista no mundo.

Estes gastos não são divididos entre nós, mas sim pago pessoalmente por cada um. São nossas contribuições para uma causa justa e honesta que não engana ninguém com promessas vazias.

Não prometemos nada e não enganamos. Apresentamos os fatos com nosso olhar, mas não significa que estamos certos ou com a verdade. Apenas entedemos que é possível mudar nossas atitudes e fazer diferente para obtenção de uma produção e distribuição de riqueza para todos de forma justa, sem seu acúmulo proprietário. Inclusive defendemos o fim da propriedade como capital

expeculativo, logo acumulativo, gerador das desigualdades e de seu aprofundamento.

Fizemos uma página na rede vital, www.fenikso.rg3.net ou <http://geocities.yahoo.com.br/feniksonigra/>, até agora com mais de três mil visitas, onde dispomos inúmeros textos de nossa feita e de nossos companheiros de vários lugares, os jornais Barricada Libertária e o Fenikso Nigra, tudo de livre reprodução, por que entedemos que cultura e conhecimento não é propriedade de um ou outro, mas de todos.

É possível também participar de um grupo de discussão na rede: fenikso@yahoogrupos.com.br, que conta com 35 associados, onde é livre a expressão e a divulgação do que achar importante para o movimento. Não há restrições de ingresso, apenas o bom senso de cada um.

Nosso primeiro evento público foi o Primeiro de Maio. Vejam algumas fotos nesta página.

Agora, temos que agir em sentido de difundir mais nossas idéias, propagando a ação direta e manifestando-as. Manteremos o ritmo, auto-organizados, sem chefes, sem líderes, sem messias, sem autoritários.

Nosso compromisso é este. Sintam-se convidados a participar!

Nossa Organização

Para deixarmos claro o que fazemos ou deixamos de fazer e estreitar nossas relações anarquistas, vamos estabelecer nossos principios e linha de ação.

1-Que o Fenikso Nigra é uma união de anarquistas em prol do desenvolvimento do anarquismo em geral. Respeitamos e respeitaremos cada vertente anarquista, uma vez que entendemos a inexistência da “verdade”,

o “certo” ou qualquer forma de dogma único;

2-Cada participante, dentro de suas possibilidades, assume as responsabilidades necessárias para o desenvolvimento da união. Todos respondem pela nossa união;

3-Nos reunimos de acordo com as necessidades da união. As deliberações serão por consenso de todos. Em caso de desacordo, prevalecerá o bom senso de todos em chegar ao consenso.

4-Os princípios básicos da união são liberdade plena com a responsabilidade correspondente e justiça igualitária anacionalista, já que não temos pátria ou nação;

5-Em luta a favor dos explorados e oprimidos de todo o mundo;

6-A participação e ingresso será pela aceitação dos 5 pontos acima, comunicado em nossa reunião.



FAIXA BILÍNGUE NO LARGO ROSÁRIO, CAMPINAS/SP.



PUNHO ERGUIDO, SIMBOLO DE LUTA.



CONVERSAS ANARQUICAS.

A gestão de Catende.

Verdadeiro “coração” do projeto Catende-Harmonia, a questão da gestão aparece como diferencial na condução dos rumos da entidade. A combinação entre os limites institucionais impostos pelo regime jurídico de massa falida, e o compromisso de validar as decisões de forma participativa junto aos ex-demitidos e colaboradores do projeto, resume o plano no qual é cotidianamente construído o “modo” de administrar a Usina Catende.

Uma administração que não dispôs de modelos conhecidos para se constituir, e que sofre o ônus do pioneirismo de ter, na zona da mata sul de Pernambuco, iniciado um processo sem precedentes: a manutenção por parte dos trabalhadores demitidos (e signatários do pedido de falência), de seus postos de trabalho, diferentemente do que sempre ocorreu tradicionalmente com as usinas falidas no Estado.

A ausência de parâmetros conhecidos e/ou exemplos próximos que pudessem referenciá-la obrigou o projeto a se dotar de uma estrutura que fizesse as vezes de interface com os trabalhadores, e de interface com uma série de parceiros. Este instrumento, a Companhia Agrícola Harmonia, vem desde sua criação em 1998, respondendo tanto pelo aspecto da qualificação dos associados do projeto, quanto pelas ações de âmbito da política, onde ampliou a área de atuação da Usina, inicialmente mais restrita ao âmbito da questão sindical no meio rural. É a Companhia Harmonia que irá, para além da rede de sindicatos e federações trabalhistas rurais que a sustentam, buscar constituir uma verdadeira rede de relações entre os parceiros do projeto. ONGS, Universidades, Poderes Públicos, Entidades Cíveis, Sociedades Cíveis organizadas, sob a iniciativa da Companhia Harmonia, se tornam parte integrantes na construção desta que vem a ser uma das maiores experiências de tendência auto-gestionária do Brasil.

A missão de reverter as condições de submissão e miséria que assolaram os trabalhadores da Usina, por décadas tolhidos em seus direitos mais básicos, obrigou o corpo de dirigentes da Usina e futuros idealizadores da Companhia Harmonia, a estabelecer uma escala de prioridades, nas quais o resgate da dignidade e da cidadania enquadram cada ação. Somado a isto a reação das forças antagônicas ao projeto acabou por limitar a busca por canais mais abrangentes de diálogo com os segmentos envolvidos.

A Companhia Harmonia só pode passar a buscar mais sistematicamente o diálogo

com a população dos engenhos através de suas associações, nestes últimos quatro anos. O caráter eminentemente político que manter o projeto funcionando explica a razão pela qual a Companhia irá se dedicar a estimular laços e solidificar alianças com os segmentos partidários da economia solidária, deixando os aspectos de confronto legal se efetivarem no âmbito da Justiça.

Recentemente, “o coletivo”¹, nome dado àqueles que apóiam o projeto², estipulou que uma nova fase, a de expansão das atividades produtivas, estava merecendo uma abordagem mais constante, e criou uma cooperativa piloto na qual os agricultores e agricultoras familiares deverão se estruturarem com autonomia, visando melhorar através de empreendimentos próprios, suas rendas familiares e sua capacidade de adquirir na prática, os instrumentos para manusear com facilidade os conceitos da auto-gestão. A cooperativa agrícola e breve uma cooperativa de crédito serão instrumentos importantes a se somar naquilo que se confirma como tendência do projeto Catende; sair da gestão partilhada que a massa falida é hoje e rumar à auto-gestão. Neste meio tempo a legislação mudou com a entrada em vigor do novo código civil, e a lei de falência, por exemplo. O Banco Central, que em 1997 já chegou a coibir cooperativas de crédito rural e hoje passa a defendê-las como instrumento de acesso ao crédito popular, é outro exemplo de como, além das variações locais, decorrentes das trocas de poderes da esfera regional, novos prefeitos, mudança de governo de Estado, mudança de juiz responsável pela falência, o projeto Catende teve de se adaptar à uma série de alterações de peso, ainda que sujeita ao regime de falência, última alteração da lista.

Se a interface externa da Companhia Harmonia providenciou as articulações políticas necessárias para manter vivo o projeto, quer sob o ponto de vista da estrita questão jurídica, quer sob o ponto de vista de sua viabilidade econômica enquanto empreendimento, a interface voltada ao trabalhador signatário do pedido de falência, promoveu nestes últimos dez anos o acesso de mais de 85% dos analfabetos, com um reconhecido programa de alfabetização, promoveu uma integração deste segmento ao sistema financeiro creditício, do qual sempre estiveram afastados, procedeu a várias transformações no meio rural, tornando o trabalhador rural em campones³, cientes dos processos e dos rudimentos da agricultura, como as fases de desenvolvimento dos produtos agrícolas e manejo do plantel, garantindo assim, não só a sobrevivência, mas uma perspectiva de alternativa ao problema da entre-safra, gargalo maior da

monocultura.

POR MARCELO FREIRE

1 O coletivo é formado pelos sindicatos rurais signatários do projeto Catende, e das associações de engenho.

2 Por apoio, esta sendo feito referência a opção feita em 1995, por um conjunto de trabalhadores de apoiar a iniciativa de manter a usina funcionando, e não seguir o caminho fracassado de todas as demais usinas falidas da região, onde os trabalhadores ficaram esperando receber seus direitos sem sucesso.

3 O trabalhador rural desconhece os procedimentos de plantio e as vezes até mesmo do ciclo da própria cana, se limitando apenas a executar o corte da mesma.



PORQUE OS MARXISTAS QUEREM MANDAR NA HISTÓRIA

A importância de uma concepção de História que privilegie a *ação humana* corresponde à diferença entre o autoritarismo e a noção de livre arbítrio. Nesse sentido, a superação do Materialismo Histórico, enquanto paradigma ideológico e ferramenta de interrogação da evidência histórica, era inevitável. E já foi tarde!

A noção de Materialismo Histórico, que muitos militantes dos mais diversos PC's do planeta ainda defendem, implica na supremacia das estruturas sobre a ação humana. Assim, para os marxistas ortodoxos tudo já está pré-determinado pelas categorias conceituais e pelas estruturas sociais, econômicas e culturais, bastando ao ser humano cumprir seu destino como um fantoche bem comportado. Qualquer semelhança com as religiões tradicionais não é mera coincidência e Freud explica e muito.

Dissidências existem e existem desde o início dos anos 1950's. Nos últimos trinta anos, principalmente, têm surgido mais e mais trabalhos que resgatam a ação ontológica e o papel de sujeitos históricos de vários grupos sociais. Começamos como

1997 ATÉ HOJE:**Depoimento de um ativista
sobre o Anarquismo em
Campinas (CONTINUAÇÃO)**

marginais, estudando as mulheres, os loucos, os presidiários, os escravos; e hoje somos uma parcela significativa que contesta o determinismo das concepções mais tradicionais de História.

Semeamos o pânico entre as hostes de militantes marxistas porque estamos provando, com uma riqueza de evidências considerável, que o ser humano comum constrói seus próprios processos de consciência e protagoniza sua História, sem a necessidade de partidos ou de vanguardas intelectuais. Imaginem o impacto de descobrir que nada está determinado neste mundo e que todas as possibilidades e oportunidades de construir sua própria História estão nas mãos de cada ser humano pensante! Tiramos a roupa do rei e o expusemos nu e isso muda completamente a perspectiva de mundo de todos nós.

É por isso que alguns historiadores estão isolados tanto pela direita quanto pela esquerda tradicionais. Todos os que querem mandar na memória e impor suas concepções de mundo precisam que a História seja uma ferramenta dócil e não que teime em revelar um ser humano autônomo e completo em seus processos de consciência. Surpreende, então, que um certo arquivo público suprima a memória anarquista?

É evidente que se provarmos definitivamente que as estruturas somente determinam a limitação do cérebro dos militantes stalinistas, estaremos retirando-lhes a razão de ser e de existir e por isso nos perseguem tanto. Já afirmava Edward P. Thompson:

“Não deveríamos ter como único critério de julgamento o fato de as ações de um homem se justificarem, ou não, à luz da evolução posterior. Afinal de contas, nós mesmos não estamos no final da evolução social. Podemos descobrir em algumas das causas perdidas do povo da Revolução Industrial, percepções de males sociais que ainda estão por curar. Além disso, a maior parte do mundo ainda hoje passa por problemas de industrialização e de formação de instituições democráticas, sob muitos aspectos semelhantes à nossa própria experiência durante a Revolução Industrial. Causas que foram perdidas na Inglaterra poderiam ser ganhas na Ásia ou na África.”¹

ANNA GICELLE

¹ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. v.I

Estudava no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP), onde CA (CACH), preocupado com política universitária e dos conjavos partidários, deixavam uma sensação de vazio para os estudantes do IFCH, principalmente aos estudantes do curso noturno, que era meu caso. Resolvi montar um jornal, chamava-se Fênix. O primeiro eu botei do meu bolso, já que, quanto expus minha idéia ao CACH, foi tratado de forma fria e sem nenhum interesse. No final do ano, houve eleição, e entrou um pessoal de compromisso com os estudantes, pé no chão e colocaram em dia o CACH, a gestão “Pão na Chapa”. Fizem algumas reformas e acertaram as contas do CA. O Fenix, através do CA, era feito na Gráfica do IFCH. Embora este apoio, em momento nenhum eles tentaram interferir na prática do Fênix, que era aberta a todos sem restrições. Ele fizeram o boletim do CA, chamado “Cacheiros Viajantes”. Ao final do ano houve nova eleição. Alguns colegas pensaram em montar uma chapa. Entrei nesta experiência, a chapa era “Ação e Participação”. Ganhamos a eleição, fui o escolhido o presidente, talvez porque ninguém mais quisesse tal cargo. Era estudante, trabalhava e agora tinha que lidar com o CACH.

Fiz o melhor que pude, dentro do pensamento libertário, sempre mantive aberto todos os espaços e todas as necessidades dos estudantes, estimulava-os a agir. A experiência mostrou que o meio acadêmico tem necessidades discripantes, conflitantes e em muitos casos diferentes da sociedade local. O que destaco neste período foi apoio financeiro ao Espaço Cultural Dona Tina e ao Cursinho Herbert de Souza (ambos de periferia da cidade). Também ajudamos a Rádio Muda, na compra de gerador e outros equipamentos.

Ao final do ano de 1999 houve nova eleição. Fui convidado a participar da chapa Mesmo, como coordenador de imprensa, que aceitei. Com sua vitória, continuei a atuar na política estudantil, participando da greve de 2000. Fomos a São Paulo, tivemos embates com a tropa de choque na Av. Paulista. A truculência notória da polícia foi manchete nacional e um repórter ficou cego de um olho e muitos foram presos ou marcados a bala de borracha. Neste período, a reitoria começou fechar a UNICAMP com cercas e alambrados, o que diziam medidas de segurança. O Reitor também mandou fechar o Restaurante Universitário perto da Reitoria. Dizia que iriam reforma-lo, mas não tinham planos nenhum neste sentido e que de fato não aconteceu. O R2, como era conhecido se transformou em outra coisa.

Neste período de greves, fizemos duas importantes ocupações, uma da Portaria de

Carros perto da Creche, durante uma manhã e a outra foi do prédio do Diretório Acadêmico (DA). Mantivemo-nos neste prédio três dias, um final de semana e conseguimos a negociação direta com a reitoria.

Ao final do ano, entrei em contato com a Resistência Popular (RP) e foi feito um encontro em Campinas (na UNICAMP), com anarquistas e simpatizantes. Um mês depois, em dezembro, encontrei um militante do Comitê Pró-Luta Popular (COMLUT) e após uma conversa, resolvi unir-se a eles.

No 1º de maio 2001, fizemos o ato na periferia de Campinas em conjunto com a Frente de Mobilização de Desempregados (FMD) que havia sido criado naquele período. Também a ONG Casa Lampião ajudava nossas atividades. Durante o ano, preparamos jornais, fizemos contatos e possibilidades de trabalho e intervenção na sociedade. Conseguimos espaço no bairro Vida Nova e Vila Formosa.

No final deste ano, formou-se a Frente de Ação Libertária para Transformação Social (FALTS), estive presente em sua formação, haviam umas 15 pessoas.

No 1º de maio de 2002, conseguimos fazer-lo na Estação Fepasa (atual Estação Cultura), onde o COMLUT grava o evento e após edita um fita de propaganda e formação. A FALTS apresenta um teatro sobre os Martires de Chicago. Os participantes da cooperativa da Vila Formosa montaram um quiosque de salgados e de produtos artesanato.

Neste ano, eu me desligo do COMLUT por motivos pessoais. Ao final do ano, com a necessidade de fazer algo mais, desenvolvo a idéia da Barricada Libertária, formando página na internet e jornais distribuídos pelo país.

Em 2003, mantive a produção do jornal e de textos. Cheguei a ir a reuniões para formação de uma Federação Anarquista de São Paulo, que não se desenvolveu. Novamente ao final do ano, voltei ao COMLUT. Ao início do ano, montamos um grupo de estudo na UNICAMP, o Núcleo de Estudos Sobre Anarquismo Especificista-Plataformista (NESAEP), que visava desenvolvimento do conhecimento anarquista. Neste grupo, havia um militante do Fórum do Anarquismo Organizado (FAO) e tentamos conciliar os interesses, o que não ocorreu. Assim, ele segue em atividades Bloco Libertário Estudantil (BLE) e que possivelmente será transformado Resistência Popular (RP) e consequentemente FAO.

Finalmente, desligo-me de novo do COMLUT. É necessário informar a sociedade sobre a pluralidade anarquista, sobre sua justiça e liberdade. Uma vez isso feito, os indivíduos e coletivos se organizarão da forma que entenderem ser a mais adequada. A isso que estou vinculado.

POR IDILIO



A que religião pertences?
 ...Esquece a tua fé e por prudência torna-te ateu. O quê? Me dirás, ateu apesar de nossa hipótese? Não, exatamente por causa de nossa hipótese. É preciso ter, por longo tempo, erguido o seu pensamento acima das coisas divinas, para ter o direito de supor uma personalidade além do homem, um vida além desta vida. De resto, não temas por tua salvação. Deus não se zanga com aqueles que o substimam por razão, assim como não se importa com aqueles que o adoram sob promessa. E, no estado de tua consciência, o mais seguro para ti é não pensar nele. Não vês que ocorre com as religiões o mesmo que acontece com os governos, pois o mais perfeito deles seria a negação de todos? Que nenhuma fantasia política ou religiosa mantenha, pois, a tua alma cativa; este é o único meio de não ser um tolo ou um renegado. Ah!, eu dizia no tempo de minha juventude entusiasta, nunca ouvirei soar as segundas vésperas da república, e nossos padres, vestidos de brancas túnicas, cantar ao modo dórico o hino do retorno: *Muda ó Deus a nossa servidão, como o vento do deserto, em sopra refrescante!* ... Mas desesperei dos republicanos e não mais conheço religião, nem padres.

Desejaria ainda, para assegurar completamente o teu julgamento caro leitor, tornar tua alma insensível à piedade, superior à virtude, indiferente à felicidade. Mas isso seria muito exigir de um neófito. Lembra-te somente e jamais o esqueças, que piedade, felicidade e virtude, da mesma forma que a pátria, a religião e o amor, são apenas mascaradas ...

**PIERRE-JOSEPH PROUDHON
 EM FILOSOFIA DA MISÉRIA**



**ENTREVISTA ENTRE EMILIO
 TESORO E EDGAR
 RODRIGUES**

Abaixo, o começo da entrevista entre Emilio Tesoro e Edgar Rodrigues. Confira em nossa página eletrônica, as 26 questões entre esses veteranos anarquistas. (Em memória a Emilio Tesoro, que faleceu em 2003). Também no livro *Rebeldias-Volume 2*. Editora Opúsculo Libertário/ 2004

Pergunta 1

Desde el siglo XIX las corrientes ideológicas, políticas y sociales de la sociedad han transitado por los caminos del marxismo o seudomarxismo y no por los caminos libertarios e anarquistas. ¿Cuáles fueron las causas de esta equivocación masiva? (E. T.)

Resposta 1

O ser humano nasce herdeiro de atavismos seculares, num universo em competição bélica, religiosa, comercial, profissional, intelectual, e de supremacia científica.

Entra na vida recebendo “injeções” de propaganda fantasiosa, mercantilista, educação, instrução e formação direcionadas para a obediência, aceitação do que já encontrou: ser um servidor do sistema.

Neste mundo, de cada um por si, disputa notas altas na escola, cargos bem remunerados, a fim de garantir o seu espaço vital, ter uma vida sofrível. Quando conhece idéias políticas e/ou sociais, e opta por uma corrente ideológica, já é um habitante de uma sociedade mercantilista, está subjetivamente condicionado para disputar sua sobrevivência no meio de adversários, visíveis e invisíveis, revelando ambições, vontades de sobressair social, profissional, intelectual e politicamente: pensa imediatamente em assegurar o seu futuro e o da sua família.

Está diante de uma bifurcação, política social, e escolhe o caminho que lhe parece levar aos seus objetivos mais rapidamente.

A maioria prefere subir na vida ainda que seja explorando terceiros para ser chefe ou comerciante bem sucedido. Outros vão ser políticos, policiais, militares, donos de igrejas, todos com o mesmo propósito: ter assegurado uma vida confortável com pouco esforço.

Os que escolhem a via libertária, tem pela frente todas as adversidades: “incompatibiliza-se” com a família, os vizinhos, os colegas de serviço, com religiosos, autoridades, com a sociedade onde vivem! A única coisa de que se pode “orgulhar”, é de poder dizer: **SOU ANARQUISTA!**, caso no país onde viva não predomine o autoritarismo, a ditadura.

Marxista ainda pode chegar a chefe, punir os que lhe ficam abaixo hierarquicamente. Só não pode contestar os comandantes. O anarquista precisa ter coerência, ser persistente, corajoso, ter espírito de renúncia, abominar hierarquias, superioridades sociais, acadêmicas, ser ateu, solidário, humanista/antinativista e advogar a igualdade social de todos, de cada um.

O anarquismo só oferece sacrifícios...
 (E.R)



ELE RECEBEM POR NÓS



ELES GOVERNAM POR NÓS



ELES SE "SALVAM" POR NÓS



ELES ATIRAM EM NÓS ...



ELES COMEM POR NÓS ...



E NÓS PRODUZIMOS POR TODOS!

Mudem a opinião, persuadam o público de que não somente o governo não é necessário, mas que ele é extremamente perigoso e nocivo, e então a palavra ANARQUIA, justamente porque significa ausência de governo, querera dizer a todos: ordem natural, harmonia das necessidades e dos interesses de todos, liberdade completa na completa solidariedade.

ERRICO MALATESTA

KULTURA CENTRO

ESPERANTO

ESPAÇO DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA SEM FRONTEIRAS ESPERANTO.

APRENDA A LÍNGUA DA PAZ E DA UNIÃO DOS POVOS. AULAS REGULARES,

CONTATO:

tel: 0 (xx) 19 3232-0691 c/Eduardo

tel: 0 (xx) 19 3229-1258 c/ Idílio

CP> 1097 -CEP: 13-001-970 a/c KCE

<http://www.aleph.com.br/kce>



EXPEDIENTE: IDÍLIO CÂNDIDO, EDUARDO DEZENA, JOSÉ DAMIRO, LUIZ CARIOCA.

COLABORADORES: EDGAR RODRIGUES, ANNA GICELLE, ERIKA CANDIDO, MARCELO FREIRE.

AGREDECEMOS A TODOS PELAS SUGESTÕES, CRÍTICAS E MATERIAIS. É LIVRE A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA APERÍODICO. CITANDO-O OU NÃO.

CONTRIBUA COM PROPAGANDA ANARQUISTA, DIVULGANDO-A. SAÚDE E ANARQUIA A TODOS! TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES. PEÇA O SEU!

ENTREM EM CONTATO: A/C FENIKSO NIGRA CP: 999, CEP: 13-001-970 ou

CP: 5005, CEP 13-036-070

CAMPINAS/SP

m.e.:feniksonigra@yahoo.com.br

WWW.FENIKSO.RG3.NET

<http://geocities.yahoo.com.br/feniksonigra/>

